

**PREPOSIÇÕES LIGADAS A VERBOS NA FALA DE UMA CRIANÇA EM  
PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM - OU -  
“VAMO DE A PÉ NO CARRO DO VOVÔ?” \***

Lou-Ann KLEPPA

**RESUMO** *Foram escolhidas preposições relacionadas a verbos na fala de uma criança brasileira, cujos dados são de caráter longitudinal. A observação do funcionamento da preposição conduziu este estudo à noção de gramaticalização, e assim foi possível estabelecer diferentes graus de gramaticalização para as preposições recortadas; o que se considera uma maneira alternativa de abordar o estatuto categorial da preposição.*

*Através da noção de transitividade chegou-se às noções de valência e regência.*

*Percebeu-se que a heterogeneidade da fala da criança está relacionada – dentre muitos fenômenos observáveis na fala da criança – à ausência, troca e excesso de preposições.*

*Esta heterogeneidade não se dá num período de tempo delimitável da vida da criança.*

*As mudanças observadas graças ao caráter longitudinal naturalístico dos dados que ocorreram na fala da criança, de um pólo heterogêneo em relação à língua constituída para o pólo próximo da fala do adulto, são tanto mudanças da linguagem da criança, como mudanças de posição da criança em relação à linguagem.*

**ABSTRACT** *Prepositions linked to verbs in the speech of a brazilian child, whose data were collected for almost four years, were chosen as the object of this dissertation. The observation of the functioning of prepositions linked to verbs has conducted this study to issues concerning the categorial status of prepositions, which has led to the notion of grammaticalization. Different degrees of grammaticalization could be established and the image of a continuum seems to be adequate to describe the categorial status of prepositions.*

*Transitivity has proved to be an important tool to analyse the selected data, as well as the notions of valency and government.*

---

\* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 25 de fevereiro de 2005, orientada pela Profa. Dra. Maria Fausta Cahayba de Castro.

*It has been noticed that the heterogeneity of child speech is related to – among other observable phenomena – the absence, switch and excess of prepositions. This heterogeneity isn't manifested in a delimited period of time of the child's life. There are changes from a heterogeneous pole (in relation to adult language) to a pole that is similar to the adult language to be observed along the selected data. Also, changes in the relation of the child with the mother tongue.*

## 1. INTRODUÇÃO

O tema escolhido para este estudo é o funcionamento das preposições relacionadas a verbos na fala de uma criança brasileira. Trata-se de um estudo descritivo que analisará o comportamento de itens pertencentes a uma classe de palavras quando subordinadas a verbos. As preposições recortadas do sistema preposicional da língua portuguesa são denominadas de *simples* (Cunha (1979) e Vilela & Koch (2001), em oposição a *complexas*) ou *essenciais* (Bechara (1967), Cegalla (1998), Lima (1998) e Neves (2000), em oposição a *acidentais*). Dentre as preposições *essenciais*, Neves (2000) recorta aquelas que considera como sendo *introdutoras de argumentos*:

**a até com contra de em entre para por sob sobre**

Estas preposições mereceram destaque no processo de seleção de dados de fala do *corpus* de uma criança chamada Raquel (doravante R). Os episódios de fala da criança em que havia uma destas preposições relacionada a um sintagma verbal foram recortados do *corpus* de R, disponibilizado pelo CEDAE (Centro de Documentação Alexandre Eulálio), situado no IEL/ Unicamp, e compõem o *corpus* de dados selecionados para este trabalho. Os dados de R são de caráter longitudinal: a criança foi gravada dos 1;02.11 aos 4;10.06 anos de idade. O volume de dados selecionados para este estudo é extremamente grande, pelo fato de a criança ter sido gravada por mais de três anos em sessões semanais ou mensais com duração variável, superior a meia hora. Pelo fato de a fala da criança ter características altamente peculiares, singulares, até foi necessário adotar uma teoria de Aquisição de Linguagem que sustentasse uma análise dos dados de fala de uma criança. Foi escolhida a teoria Interacionista de De Lemos (1992, 2000, 2001, 2002), que não trata do desenvolvimento da fala da criança, ou dos estágios de fala em que a criança se encontra e das fases que ela precisa superar - que são conceitos importados da Psicologia do Desenvolvimento. O Interacionismo de De Lemos coloca-se na interface entre a Linguística e a Psicanálise, sendo que o *sujeito* é entendido como sendo *efeito de linguagem*. Assim, a criança somente pode construir sua identidade porque é falada (interpretada, considerada como interlocutora) por outros falantes da língua materna da criança (mãe, pai e outros). A unidade de análise pertinente para esta corrente teórica é, então, o diálogo. Os dados,

que são de caráter dialógico e longitudinal, serão analisados aqui sob o ponto de vista da *mudança*, que é um dos elementos constitutivos da teoria de De Lemos.

A preposição não pode ser analisada isoladamente, já que ela é um elemento relacional que estabelece relações entre os elementos do enunciado. Em função disso, foi preciso recorrer ao exame dos elementos que a preposição coloca em relação; e como a preposição ligada a verbos foi eleita como objeto de análise desta dissertação, foi preciso investigar fenômenos relativos ao verbo. Chegou-se, assim, à noção de *transitividade* (o verbo seleciona argumentos? É transitivo direto ou indireto? Ou é intransitivo e seleciona apenas adjuntos?).

Através desta noção – que é entendida como uma propriedade sintática inerente ao verbo que se atualiza apenas no uso – chegou-se aos conceitos de *valência* e *regência*. Com a noção semântica de *valência* (número de argumentos do verbo), foi possível identificar a posição da preposição na estrutura argumental do verbo. A noção de *harmonização semântica*, encontrada em Travaglia (1985: 27 em diante)<sup>1</sup>, foi aplicada para identificar o elemento que seleciona a preposição através de critérios semânticos. Foi possível notar que o verbo abre um espaço sintático para uma preposição qualquer do eixo paradigmático, ao passo que a escolha de uma determinada preposição e seu encadeamento no eixo sintagmático é determinada por critérios semânticos pelo verbo, argumento ou adjunto.

Através da noção da estrutura argumental de um verbo pôde-se visualizar a posição que a preposição ocupa na estrutura de valências de um verbo e prever, assim, possibilidades de combinação entre um verbo e seus argumentos.

Num nível morfo-semântico de análise, a teoria da *gramaticalização* provou ser um instrumento de análise frutífero. Gramaticalização significa a mudança de um determinado item lexical a item gramatical. Estas mudanças podem ser perseguidas no plano sintático (o item lexical assume uma posição fixa na sentença), semântico (o item lingüístico sofre um certo esvaziamento semântico) e morfológico (o item em questão se torna um morfema preso). A preposição é um elemento relacional que tem sua posição sintática definida pela estrutura argumental do verbo que a introduz. Sob este ponto de vista, ela é analisada como sendo um item gramatical, mas será mostrado que todos os elementos da classe das preposições, apesar de serem todos elementos relacionais, podem ser vistos como elementos em diferentes graus de gramaticalização.

O critério da *transitividade* é uma ferramenta de análise no nível do verbo e da oração, ao passo que os critérios morfológicos e semânticos de *variação* e *sentido específico* se restringem ao nível da palavra. Estes dois níveis de análise (morfo-semântico e sintático) são complementares e contribuem para uma visão mais ampla do funcionamento da preposição na fala de uma criança.

---

<sup>1</sup> Atribuída a Pottier (1968), que não foi consultado.

Foi realizada aqui a tentativa de sistematizar todas as preposições relacionadas a verbos na fala de R, e assim elas foram distribuídas em diferentes grupos. Constatou-se que as preposições na fala de R podem funcionar como introdutoras de argumentos do verbo (sintagmas nominais ou orações infinitivas) ou adjuntos do verbo. Nestes casos a seqüência prototípica de *verbo, preposição e sintagma nominal (ou verbal)* é obedecida. Em outro grupo foram colocadas as combinações que ocorreram entre: verbo + preposição, preposição + sintagma nominal, preposição + oração infinitiva, preposição + preposição. Ocorreram ainda enunciados em que há apenas uma preposição, o que muito provavelmente se deve ao caráter dialógico dos dados analisados (deve-se contar com interrupções, mudanças de tópico discursivo e reformulações). Foram ainda registradas preposições não esperadas (como por exemplo *procurar dum lápis*), que foram chamadas de *excessos* e houve ainda contextos em que a preposição esperada não foi realizada (como por exemplo *aprendi fazer*), que foram denominados *ausências* de preposições, além de trocas de uma preposição por outra (*continuar de brincar*). Com estas subdivisões, o tipo de contextos sintáticos em que a preposição pode inserir-se e os usos da preposição se tornaram mais visíveis. A partir destes grupos pode-se especular sobre a heterogeneidade da fala da criança.

Esta heterogeneidade não se dá num período de tempo delimitado da vida da criança (como se fosse um estágio/ fase/ período). As mudanças ocorridas na fala da criança de um pólo heterogêneo em relação à língua constituída para o pólo próximo da fala do adulto são lentas e não seguem uma ordem ou seqüência previamente estabelecida. Isto significa que a criança pode, num mesmo episódio de fala, produzir formas divergentes ao lado de formas aceitáveis. Acredita-se que um “acerto” enunciado na cadeia de significantes não significa que a criança tenha “conhecimento” da língua, e assim é previsível que “erros” e “acertos” sejam co-existentes em sua fala. Para o pesquisador que trabalha com dados de fala infantil, o “erro” é justamente a oportunidade para se perceber como um determinado sistema funciona. Pretende-se tomar estas formas divergentes na fala da criança como indicadores do funcionamento do sistema de preposições introdutoras de argumentos do português brasileiro.

## 2. FUNCIONAMENTO DA PREPOSIÇÃO LIGADA A VERBOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

O termo *regência* vem do latim, em que significava *determinação, subordinação* ou ainda *atribuição* de um caso (nominativo, acusativo, dativo, genitivo, vocativo e ablativo em latim) por um verbo ou preposição a sintagmas nominais. Em latim, o verbo e a preposição podem selecionar mais de um caso, e este fenômeno de atribuição de um caso é chamado de *regência*, ou seja, um verbo ou preposição rege o caso de um determinado sintagma nominal. Percebeu-se que o verbo abre um espaço sintático para a preposição que pode:

- formar um bloco de sentido com o verbo, de modo que o verbo seleciona a preposição semanticamente
- harmonizar seu conteúdo semântico com o argumento que introduz, de modo que é selecionada pelo argumento verbal
- harmonizar seu conteúdo semântico com o adjunto, de modo que o adjunto seleciona uma determinada preposição.

É possível determinar a posição de uma preposição na sentença, através da noção de valência:

Verbo avalente:	V
Verbo monovalente:	SN + V
Verbo bivalente:	SN + V + (Prep) SN / SV
Verbo trivalente:	SN + V + SN + Prep SN
Verbo tetravalente:	SN + V + SN + Prep SN + Prep SN

### 3. NATUREZA CATEGORIAL DA PREPOSIÇÃO

Sintaxe e semântica estão imbricadas na seleção e combinação de preposições. Há autores que procuram discernir as funções semânticas das sintáticas das preposições e assim defini-las como integrantes da categoria funcional ou lexical. No decorrer das leituras de gramáticas do português brasileiro pôde-se constatar que não existe uniformidade no tocante à descrição e classificação da preposição. À procura de uma explicação para esta falta de consenso descritivo, constatou-se que a classe das preposições não abarca elementos que partilham as mesmas propriedades categóricas (ser invariável/ variável, ter conteúdo semântico específico/ altamente esvaziado, ou seja, ser parte da categoria lexical/ funcional, ser menos/ mais gramaticalizada e ser introdutora de argumentos/ adjuntos do verbo). Há, contudo, poucos autores, como se verá adiante, que consideram que a classe das preposições, quando ligadas a verbos, não é uma classe homogênea (lexical ou funcional). As preposições são elementos de natureza relacional, mas há, nesta classe de palavras, gradações morfo-semânticas e diferentes comportamentos sintáticos que impedem uma classificação estanque e absoluta das preposições, de modo a alocá-las numa ou noutra categoria.

O processo de gramaticalização deve ser entendido como um processo em que há uma modificação semântica do item lexical que passa a fazer parte da categoria funcional. A modificação semântica não significa apagamento de sentido, mas esvaziamento do sentido do item lexical de origem. O sentido do item funcional sofre um processo de desbotamento, se comparado com o sentido do item lexical. Um **item lexical** adota um sentido específico e restrito, denotando entidades ou eventos no mundo. É possível até que este item lexical seja polissêmico. É possível subverter este sentido restrito de um

item lexical, atribuindo sentidos metafóricos a ele. Quando não usados em sentido metafórico, os itens lexicais são **autossemânticos**, ou seja, eles não precisam apoiar-se em outros elementos da sentença para fazer valer o seu sentido.

Elas exercem uma função na sentença, que é a de relacionar elementos da sentença. Ser um item funcional não significa ser desprovido de valor semântico. Ao contrário, as preposições possuem um conteúdo semântico, mas ele somente é evidenciado quando atualizado em certos contextos sintáticos, em outras palavras, o seu valor semântico é dependente do valor semântico de outros elementos da sentença. Itens relacionais, como as preposições, não denotam entidades ou eventos no mundo, mas “harmonizam” seu valor semântico pouco específico com o elemento da sentença que as seleciona.

Resumindo, chegou-se aqui à conclusão de que as preposições estão dispostas em níveis diferentes de gramaticalização. A visualização destes níveis pode ser feita através de critérios morfológicos, semânticos e sintáticos. Os critérios semânticos e sintáticos dão pistas para a relação que uma preposição tem com outra, em termos de gramaticalização. Deve-se entender o quadro abaixo como uma escala em que **contra** é a preposição menos gramaticalizada e **de** é a mais gramaticalizada, levando em conta que **até**, **sob** e **entre** estão alocadas no mesmo nível, assim como **a** e **para**:

invariáveis				variáveis										
contra	<	até	<	sobre	<	por	<	com	<	a	<	em	<	de
(-)		sob								para				(+)
		entre												

Apesar de ter um caráter de tabela, a disposição das preposições acima deve ser entendida como uma escala de gramaticalização, um *continuum*.

A frequência das preposições no *corpus* de R foi mencionada duas vezes e quer apontar para o fato de que as preposições mais gramaticalizadas são mais frequentes que as menos gramaticalizadas. Deveras, **de** e **em** são as preposições mais frequentes no *corpus* de R. as preposições mais gramaticalizadas

- podem ser amalgamadas a outros elementos lingüísticos,
- possuem valor semântico altamente esvaziado,
- podem funcionar como introdutoras tanto de argumentos como de adjuntos do verbo e
- são mais frequentes que as menos gramaticalizadas.

#### 4. A FORMA DA PREPOSIÇÃO

Para os fins desta dissertação não é crucial tomar partido e decidir se a preposição pode ser *flexionada* ou se o seu amálgama com outros elementos é um *clítico*. O que

importa é perceber que as preposições mais gramaticalizadas podem ser amalgamadas a outros elementos funcionais e essa possibilidade é denominada de *variação* aqui.

A variação da preposição é um fenômeno bastante relevante para o estudo desta partícula relacional, porque através dela e das formas divergentes de contração observadas na fala de R pode-se perceber regularidades de funcionamento que dizem respeito a outros fenômenos da língua, como por exemplo qual tipo de nome de lugar é precedido de artigo e qual não. Pode-se notar que o amálgama da preposição com o determinante do adjunto não é possível, além de se poder pensar em processos de gramaticalização. A discussão sobre a forma das preposições pode levar à descrição de outros fenômenos ainda, inimagináveis para falantes de português, como por exemplo a *preposição desacompanhada*. Salles (2003) discute este fenômeno, relacionando-o à possibilidade da preposição ser contraída com artigos definidos.

Nas línguas em que não há possibilidade de acontecer esse tipo de amálgama, as preposições podem aparecer órfãs (desacompanhadas, ou ainda *stranded*), ao passo que naquelas em que a contração ou combinação acontece, há o que os gerativistas chamam de “carreamento”, ou *pied-piping*. *Preposition stranding* é um fenômeno marcado que pode acontecer sob certas condições sintáticas específicas, nas seguintes línguas, de acordo com a bibliografia consultada:

Inglês<sup>2</sup>, holandês<sup>3</sup>, islandês<sup>4</sup>, línguas escandinavas, em algumas línguas Kru da Costa do Marfim<sup>5</sup>, francês da ilha de Prince Edward<sup>5</sup> e, como foi provado recentemente<sup>6</sup>, em polonês.

Serão apresentados dois exemplos de *preposition stranding* em inglês, por ser esta a língua mais familiar (ao menos para a autora) das línguas em que este fenômeno pode ser observado. Os complementos que as preposições introduziriam estão deslocados:

*This is the girl I was talking about  $\phi$ .*  
*Here is the paper I was looking for  $\phi$ !*

Este deslocamento do objeto indireto, deixando a preposição desacompanhada, somente é possível porque o amálgama entre a preposição e o pronome ou determinante do sintagma nominal não procede.

As preposições mais gramaticalizadas da língua portuguesa não poderiam se tornar independentes, porque estão morfologicamente presas ao pronome ou determinante do sintagma nominal que introduzem. Por esta lógica não poderá haver *preposition*

---

<sup>2</sup> O primeiro a teorizar sobre o fenômeno foi Hornstein (1981), em inglês.

<sup>3</sup> Segundo Zwatts (1997).

<sup>4</sup> Segundo Maling & Zaenen (1985).

<sup>5</sup> Segundo King & Roberge (1990).

<sup>6</sup> Segundo Breul (2000).

*stranding* em português com as preposições **a/ com/ de/ em/ para/ por**, porque elas são passíveis de contração e/ou combinação com pronomes ou artigos.

Desvinculando-se de Salles, há contextos específicos em que a preposição pode aparecer desacompanhada de complemento imediato em português:

*Aquele moço que eu comentei e falei sobre, vem aí.  
Dinheiro eu não posso ficar sem.*

**Sobre** e **sem** são preposições pouco gramaticalizadas, portanto não são contraídas com artigos e/ou pronomes. Estas não são, contudo, as únicas preposições que podem aparecer desacompanhadas: *Ainda não terminei o trabalho, mas estou em vias de*. Aqui se tem o caso de uma oração infinitiva que não possui determinante ao qual a preposição pudesse ser amalgamada. Nos três exemplos o objeto do verbo que deveria ser introduzido pela preposição numa construção canônica está deslocado para o início da sentença. É possível que se descreva estes três exemplos como casos de *preposition stranding* em português.

Além do mais, já foi mencionado o caso de **contra** e **até** no capítulo anterior, que podem aparecer como *formas livres*, o que é um pouco diferente de *preposition-stranding*, já que as preposições não introduzem objeto algum, sendo apenas constitutivas de expressões cristalizadas, convencionadas pelo uso:

*Sou contra!  
Falou, falou, falou até!*

Estes contextos específicos fazem com que a preposição não tenha um complemento imediato depois de si e esteja desacompanhada.

## 5. HIPÓTESES

- Quando o verbo transitivo tem valência três, a terceira valência será preenchida por um argumento preposicionado.
- Verbos transitivos com valência dois podem ter argumentos preposicionados
- Verbos intransitivos podem ter adjuntos preposicionados ou advérbios depois de si

Chegou-se à conclusão de que ao se alterar o número e/ou a posição dos argumentos do verbo que está relacionado a uma oração infinitiva através de uma preposição, então o sentido original do verbo é alterado porque a preposição forma uma unidade de sentido com o verbo finito.

É possível ainda que as preposições ligadas a **verbos monovalentes** sejam introdutoras de um adjunto, que pode conter informações acerca de espaço, tempo ou

modo/ noção. A seleção destas preposições seguirá critérios semânticos: uma harmonização entre o sentido da preposição e o do adjunto se realizará.

**Verbos bivalentes** podem ter como segundo argumento um elemento preposicionado. Pode-se dizer de verbos bivalentes com uma preposição que o verbo e a preposição formam uma unidade de sentido, de modo que a preposição se torna fixa para expressar aquele significado. A seleção da preposição é restringida pelo verbo, que selecionará dentre as preposições possíveis aquelas que têm graus menores de saliência semântica. A preposição e o verbo formam uma unidade de sentido por motivos diferentes:

- Por reforço do sufixo que perdeu seu valor semântico (em pronomes pessoais): **comigo, contigo, conosco** etc.
- Por sinonímia com o *prevérbio*: **conversar com, desfazer de, introduzir em** etc.
- *Posvérbio*, numa acepção mais estendida, formando uma unidade de sentido equivalente a uma expressão idiomática: **trocar de, mandar em, (chega de, ter de, dar pra** etc.) + oração infinitiva.
- Por “servidão linguística”, como se coloca Travaglia (1985: 23). São estas relações enrijecidas, em que o valor semântico da preposição não é mais retraçável: **gostar de, cuidar de, acreditar em, pensar em** etc.

Os exemplos e episódios de fala de R explorados aqui indicam que em verbos bivalentes o verbo seleciona a preposição, (por via de regra, as preposições mais gramaticalizadas encaixam-se aqui), mas é possível que haja argumentos determinando a seleção da preposição introdutora do segundo argumento deste tipo de verbos na fala adulta, possibilidade que não foi investigada aqui.

**Verbos trivalentes** têm como terceiro argumento um elemento preposicionado, sendo que a preposição possibilita a distinção entre o segundo e o terceiro argumento. A seleção desta preposição é sintaticamente determinada pelo verbo, porque seu lugar está assegurado já na estrutura da valência verbal, mas semanticamente restringida pelo argumento que ela introduz, que na grande maioria das vezes é um elemento ao qual pode ser atribuído o papel temático de *beneficiário* (introduzido por **para**). Na escala das preposições possíveis, as que se encontram próximas ao pólo do esvaziamento semântico serão selecionadas.

## 6. ORAÇÕES INFINITIVAS

O número de verbos que admitem como argumento um sintagma verbal é restrito, assim como o número de preposições que introduzem orações infinitivas também é restrito. Se um verbo finito tiver como argumento uma oração infinitiva, uma preposição

será exigida para servir de intermediadora entre os dois verbos. As preposições possíveis (**a**, **de** e **para**) são regidas por certos verbos – não todos. Estes verbos podem ser (i) modais (dar **para**, ter **de**, gostar **de**: *Guaraciaba gosta de viajar*), (ii) de cópula (*Isso aqui é de comer?*), (iii) perífrases fasais<sup>7</sup> (acabar **de**, continuar **a**, começar **a**: *Gilda começou a fazer exercícios físicos*) e (iv) alguns verbos plenos (aprender **a**, ensinar **a**, ajudar **a**, brincar **de**, cansar **de**, esquecer **de**, lembrar **de**, fazer **para**: *Geraldo não sabe como faz para ganhar na loteria*).

## 7. MARCAS DE FALA HETEROGÊNEA

As ocorrências que foram denominadas “formas divergentes” são formas idiossincráticas, mas não são facilmente sistematizáveis. Assim como Figueira (2003), que, analisando a conjugação de verbos na fala da criança, conclui em seu trabalho que o “erro” ocorre em várias direções, não é previsível, é individual de uma criança e ocorre paralelamente com os acertos; foram detectadas várias formas de uso idiossincrático da preposição ligada a verbos na fala de R: “erros de concordância”, trocas de uma preposição por outra, ausências e excessos de preposições e inversões de ordem sintática.

As preposições que não foram amalgamadas a outros itens lingüísticos (quando era esperado que fossem) estão descritas num capítulo reservado à forma da preposição. Lá foi discutida a contração de preposições com pronomes e artigos e sua marca de concordância em número e gênero. Foi constatado, através do manuseio de dados que continham “erros de concordância”, como a análise das “formas divergentes” pode contribuir para a descrição do sistema de preposições na língua portuguesa. A contribuição é pequena, mas a descoberta de que há uma certa regularidade no uso da preposição **de**, em especial, só pôde ser feita quando esta regularidade foi desfeita na fala de R: *não quero mais brincar dos bichos, quero brincar do Playmobil e ganhei do meu aniversário* deram pistas para que se pensasse que **de** é uma preposição invariável quando introduz adjuntos do verbo e advérbios.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dizer que a fala da criança apresenta erros ou formas divergentes é compará-la com a fala de adultos. Este estudo não tem o objetivo de comparar a fala da criança

---

<sup>7</sup> Este termo está sendo usado para agrupar verbos que funcionam como auxiliares de verbos não-finitos, acrescentando-lhes informações acerca do desenvolvimento da ação dos verbos não finitos, especificando em que fase se encontra a ação. Para maiores esclarecimentos, conferir Bertinetto (1991).

com a de um adulto, mas mostrar como funciona a preposição na fala de uma criança. Em vez de classificar as formas divergentes em relação à fala adulta como erros, pode-se assumir que a criança ainda transita entre formas e escolhas gramaticais. Pensando neste trânsito entre formas categóricas que a língua (e os gramáticos) nos impõem – todas estas relações de ser ou não ser, sem meio-termo entre elas, como singular ou plural, lexical ou funcional, télico ou atélico, pontual ou durativo e assim adiante – é possível aceitar que a criança passa por um processo de mudança. Neste processo não se podem identificar erros e acertos, apenas mudanças e o trânsito entre formas que os falantes adultos do português brasileiro aceitam como certas ou taxam como erradas.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS EM FORMA SINTEZADA

### GRAMÁTICAS CONSULTADAS:

- ABREU, M. de & MOURA, G. de. (1957). *Regência verbal*. Editora Livraria Freitas Bastos S/A.
- ALMEIDA, N.M. de. (1969). *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Edição Saraiva, 22ª ed.
- AZEVEDO FILHO, L.A. de. (1966). *Gramática básica da língua portuguesa*. Editôra Fundo de Cultura.
- BECHARA, E. (1967). *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 11ª ed.
- \_\_\_\_\_. (1999). *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 37. ed.
- BERTINETTO, P.M. (1991). “Il verbo”. In: REMZI, L. & LELVI, G. (eds.) - *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bologna: O Mulino, 2.
- BRANDÃO, C. (1963). *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais.
- CEGALLA, D.P. (1998). *Novíssima Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional, 41. ed.
- COUTINHO, I. de L. (1979). *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 7. ed.
- CUNHA, C. (1970). *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Editôra Bernardo Álvares S.A., [1969].
- \_\_\_\_\_. (1979). *Gramática de Base*. Rio de Janeiro: FENAME.
- DUDEN. (1998). *Die Grammatik*. Mannheim, Leipzig, Wien, Zürich: Dudenverlag.
- GÓIS, C. (1957). *Sintaxe de Regência*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 8ª ed.
- LIMA, R. (1998). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympo, 36. ed.
- LUFT, C.P. (1985). *Moderna Gramática Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 6ª ed.
- MELO, G. C. (1970). *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Academica, 2ª ed.

- NASCENTES, A. (1960). *O problema da regência*. Rio de Janeiro / São Paulo: Livraria Freitas Bastos S.A., 2ª ed.
- NEVES, M.H.M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP.
- SAMPAIO, B. (1953). *Elementos de Gramática portuguesa*. Campinas: Editora Livraria João Amêndola.
- SAVIOLI, F.P. (1991). *Gramática em 44 lições*. São Paulo: Editora Ática: 21ª ed.
- SOUZA LIMA, M.P. (1937). *Grammatica expositiva da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- TÔRRES, A.A. (1963). *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 15ª ed. [1959].
- VILELA, M. & KOCH, I.V. (2001). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almeida.

#### DEMAIS TEXTOS CONSULTADOS:

- BAKHTIN, M.M. (1993). *Para uma Filosofia do Ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza a partir de *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press.
- \_\_\_\_\_. (1995). *Art and answerability: early philosophical essays*. Austin: University of Texas Press.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BERG, M.B. (1998). *A natureza categorial da preposição*. In: Revista de Estudos da Linguagem, 7/ 1, UFMG, Belo Horizonte, (p. 107-125).
- BORBA, F.S. (1980). *Sintagmas preposicionados em português*. São Paulo: ALFA, 24, (p. 49-58).
- \_\_\_\_\_. (1996). *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ed. Ática.
- CÂMARA JÚNIOR, J.M. (1976). *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 2. edição.
- CROFT, W. (1990). *Typology and universals*. University of Michigan: Cambridge University Press.
- DE LEMOS, C.T. (1992). *Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio*. In: Substratum, 1 / 1, (121-136).
- \_\_\_\_\_. (1997). "Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna". In: *The Trento lectures and workshop on metaphor and analogy*. Instituto per la Ricerca Scientifica e Tecnologica Italiano em Povo. Inédito, 1997.
- \_\_\_\_\_. (2000). Questioning the notion of development: the case of language acquisition. In: *Culture & Psychology*, 6, (p. 169-182).
- \_\_\_\_\_. (2001). *Sobre o estatuto lingüístico e discursivo da narrativa na fala da criança*. In: *Lingüística*, 13, Publicação da ALFAL, (p. 23-61).
- \_\_\_\_\_. (2002). *Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação*. IEL/UNICAMP. Caderno de Estudos Lingüísticos, 42, (p. 41-69).
- DI MEOLA, C. (2001). *Vom Inhalts- zum Funktionswort: Grammatikalisierungspfade deutscher Adpositionen*. In: *Sprachwissenschaft*, 26, (p. 59 – 83).

- \_\_\_\_\_. (2002). "Präpositionale Rektionsalternation unter dem Gesichtspunkt der Grammatikalisierung: Das Prinzip der "maximalen Differenzierung". In: CUYCKENS, H. & RADDEN, G. (eds.) – *Perspectives on prepositions*. In: *Linguistische Arbeiten*, 454, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2002 (p. 101–131).
- \_\_\_\_\_. (2004). *The rise of the prepositional genitive in German – a grammaticalization phenomenon*. In: *Lingua*, 114 / 2, (p. 165–183).
- FIGUEIRA, R.A. (1996). *Uma nota sobre transitividade e aspecto*. In: *Delta*, São Paulo: Educ, 12 / 1, (p. 153–173).
- \_\_\_\_\_. (1995). *Erro e enigma na aquisição da linguagem*. In: *Letras de Hoje*, 30 / 4, Porto Alegre (p.145-162).
- \_\_\_\_\_. (1996). "O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem". In: PEREIRA DE CASTRO, M. F. (org.) – *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, (p. 55 – 87).
- \_\_\_\_\_. (1999). *Aquisição dos verbos prefixados por des em português*. In: *Palavra*, 5, PUC-RJ.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso ... Humor e aquisição da linguagem*. In: *Línguas e instrumentos lingüísticos*. Campinas: Pontes: vol.6.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Marcas insólitas na aquisição de gênero. Evidência do fato autonímico na língua e no discurso*. In: *Lingüística*, 13, Publicação da ALFAL, (p. 97–145).
- \_\_\_\_\_. (2003). *A aquisição do paradigma verbal do português: as múltiplas direções dos erros*. In: *Revista IEL 25 anos*, (p. 361–378).
- HALLIDAY, M.A.K. (1967). – *Notes on transitivity and theme in English*. In: *Journal of Linguistics*, 3 / 1, (p. 37–82).
- \_\_\_\_\_. (1985). *An introduction to Functional Grammar*. Maryland: Edward Arnold.
- HEINE, B. & REH, M. (1984). *Grammaticalization and reanalysis in african languages*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- HELBIG, G. (1978). *Rektion, Transitivität, Intransitivität, Valenz, Syn/ Autosemantie*. In: *Deutsch als Fremdsprache*, 2, (p. 65 – 78).
- \_\_\_\_\_. (1991). *Deutsche Grammatik: Grundfragen und Abriss*. München: Iudicum Verlag.
- HELBIG, G. & SCHENKEL, W. (1983). *Wörterbuch zur Valenz und Distribution deutscher Verben*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- HOPPER, P.J. & THOMPSON, S.A. (1980). *Transitivity in grammar and discourse*. In: *Language*, 56 / 2, (p. 251–300).
- HOPPER, P.J. & TRAUGOTT, E.C. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge University Press.
- ILARI, R. & BASSO, R.M. (2005). – "O verbo como matriz da sentença" In: *Verbalizando o verbão (por falta de outro título melhor) a sair em CASTILHO, A. (org.) - Gramática do Português Falado*.
- JAKOBSON, R. (1971). – "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia" In: *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix: 5ª ed., (p. 34–63).
- LEHMANN, C. (1985a). – *Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change*. In: *Lingua e Stile*, 20, (p. 303 – 318).
- \_\_\_\_\_. (1985b) *On grammatical relationality*. In: *Folia Linguistica*, 19, (p. 67–109).

- LONGHIM, R.S. (2003). *A gramaticalização da perífrase conjuncional SÓ QUE*. Campinas: IEL/Unicamp, Tese de doutorado.
- LYONS, J. (1977). "Valency". In: *Semantics, vol. 2*, Cambridge University Press, (p. 481–488).
- \_\_\_\_\_. (1987). *Lingua(gem) e Lingüística: Uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A.
- RAUH, G. (1990). *Präpositionen: eine geschlossene Klasse?* In: *Die Neueren Sprachen*, 89, (p. 476–489).
- \_\_\_\_\_. (1991). "Prepositional forms in the lexicon: problems and suggestions" In: *Approaches to Prepositions*. In: *Tübinger Beiträge zur Linguistik*, 358, Tübingen: Gunter Narr Verlag, (p. 169-225).
- \_\_\_\_\_. (1993). "Grammatische Kategorien". In: *Theorie des Lexikons: Arbeiten des Sonderforschungsbereichs*, 282. Wuppertal / Köln: Universität Wuppertal & Universität Köln.
- \_\_\_\_\_. (2002). "Prepositions, features and projections". In: CUYCKENS, H. & RADDEN, G. (eds.) – *Perspectives on prepositions*. In: *Linguistische Arbeiten*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, (p. 3–25).
- SQUARTINI, M. (1998). "Introduction". In: *Verbal periphrases in Romance: aspect, actionality and grammaticalization*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter.
- STOLZ, T. (1990). – *Flexion und Adpositionen, flektierte Adpositionen, adpositionelle Flexion*. In: *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, 43 / 3, Berlin/ DDR, (p. 334–354).
- TOMASELLO, M. (1987). - *Learning to use prepositions: a case study*. In: *Journal of Child Language*: 14 / 1, (p. 79-99).
- TRAVAGLIA, L.C. (1985). *Sobre as possíveis razões da ausência e presença da preposição no objeto direto*. In: *Letras & Letras*, 1/ 1, Uberlândia, (p. 15–39).